



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

RAQUEL OLIVEIRA MELO

**O IMPACTO DA FORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NA PRESERVAÇÃO  
DOS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS BRASILEIROS**

**Rio de Janeiro**  
2017

RAQUEL OLIVEIRA MELO

**O IMPACTO DA FORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NA PRESERVAÇÃO  
DOS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS BRASILEIROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Escola de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de Grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Dra. Anna Carla Almeida Mariz

Rio de Janeiro  
2017

RAQUEL OLIVEIRA MELO

**O IMPACTO DA FORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NA PRESERVAÇÃO  
DOS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS BRASILEIROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Escola de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de Grau de Bacharel em Arquivologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora Profa. Dra. Anna Carla Almeida Mariz

---

Integrante da Banca Examinadora Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

---

Integrante da Banca Examinadora Prof. Me. Marcelo Nogueira de Siqueira

*A João Batista de Oliveira e Leni Linhares  
da Silva, minha escola de amor.  
(in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

À minha incansável Orientadora Profa Dra. Anna Carla Almeida Mariz, pelo conhecimento transmitido, pela atenção dedicada, pelo carinho com os alunos e pelo empenho em seu trabalho. Uma fonte de inspiração e orgulho que me ensinou a amar à Arquivologia e à UNIRIO (e a brigar por elas!). Sua colaboração enquanto diretora da Escola de Arquivologia foram cruciais para minha atuação no Diretório acadêmico José Pedro Esposel e na Executiva Nacional dos Estudantes de Arquivologia, experiências que me transformaram pessoalmente, academicamente e profissionalmente.

À UNIRIO pelo suporte imprescindível à minha formação acadêmica e pessoal. Em especial à Pró-Reitora de Assuntos Estudantis Profa. Dra. Mônica Valle de Carvalho, à Pró-Reitora de Extensão Profa. Dra. Claudia Alessandra Fortes Aiub, ao Diretor de Extensão Prof. Dr. Antônio Rodrigues Andrade, ao Vice-Reitor Prof. Dr. Ricardo Silva Cardoso, ao Reitor Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca e ao (então decano) Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. Obrigada por terem confiado e apoiado meus projetos e trabalhos como aluna e representante discente em colegiados e conselhos superiores.

A todo corpo docente da Escola de Arquivologia pelos ensinamentos e paciência com a aluna difícil aqui.

Ao amigo, e professor, Marcelo Nogueira de Siqueira por não me deixar desistir e apontar rumos que eu não conseguia enxergar.

Aos meus amados pais Antonia de Fatima Oliveira Melo e Edson de Souza Melo, e irmã Rafaela Oliveira Melo, pelo amor, incentivo e apoio incondicional apesar das dificuldades.

À Isabel Tavares e Fernando Emídio pelo presente mais bonito que eu já recebi. Catarina me faz querer ser uma pessoa melhor todos os dias.

Aos amigos que me apoiaram durante essa jornada. E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Você precisa fazer aquilo que pensa que  
não é capaz de fazer.”

*Eleanor Roosevelt*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estrutura básica da fotografia .....	16
Figura 2 - Daguerreótipo (equipamento) .....	17
Figura 3 - Daguerreótipo (positivo em estojo) .....	17
Figura 4 - Gráfico do levantamento realizado junto à ENEA .....	25
Figura 5 - Gráfico porcentagem da carga horária dos cursos de Arquivologia do Brasil dedicadas à Conservação .....	29
Figura 4 - Porcentagem da carga horária dos cursos de Arquivologia do Brasil dedicadas à Fotografia .....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Poluentes atmosféricos usualmente considerados no monitoramento da qualidade do ar .....	20
Tabela 2 - Porcentagem da carga horária dos cursos de Arquivologia do Brasil dedicadas à conservação ou à fotografia .....	27



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CONAMA – Conselho Nacional do meio Ambiente

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

pH - Potencial Hidrogênico

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UNB - Universidade de Brasília

UNESP - Universidade Estadual Paulista (Marília)

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## RESUMO

MELO, Raquel Oliveira. O Impacto Da Formação Arquivística Na Preservação Dos Arquivos Fotográficos Brasileiros. 2017. 37 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharel em Arquivologia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

A função básica do arquivista é tornar disponíveis as informações contidas no acervo documental sob sua guarda. Entretanto, o acesso exige manuseio dos documentos que, a longo prazo, danifica o suporte e põe em risco a informação nele contida. Este estudo foi realizado com o objetivo de verificar o que deve ser considerado ao se realizar diagnósticos de acervos fotográficos de modo que seja possível elaborar e implantar políticas de preservação viáveis em arquivos fotográficos no Brasil, e, principalmente, a importância da formação arquivista neste processo. Além das características físico-químicas da fotografia, das condições climáticas do ambiente de guarda e do acondicionamento necessário para salvaguardar coleções fotográficas, foi analisada a influência da formação técnica do arquivista em seu desempenho profissional e consequente valorização da Arquivologia no mercado de trabalho e na academia. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre políticas de preservação de fotografias, um estudo histórico da fotografia e sua composição, uma análise das disciplinas de conservação e fotografia oferecidas pelos dezesseis cursos de bacharel em Arquivologia no Brasil, e um levantamento junto à Executiva Nacional dos Estudantes de Arquivologia sobre a infraestrutura dos cursos de Arquivologia do Brasil para formação prática em conservação de arquivos.

**Palavras-chave:** Formação Arquivista; Arquivos Fotográficos; Política de preservação; Conservação preventiva; Arquivologia

## **ABSTRACT**

The archivist's basic function is to make available the information contained in the archive under his custody. However, the access brings to the document manipulation that, in the long run, damages the image support and jeopardizes the information it contains. This study was carried out with the objective of verifying what should be considered when performing photographic collections diagnoses so that it became possible to elaborate and implement viable preservation policies in photographic archives in Brazil, and, mainly, the importance of archival qualification in this process. In addition to the physico chemical photograph characteristics, the climatic conditions of the guarding environment and the packing necessary to protect photographic collections, the influence of the technical training of the archivist on his professional performance and the consequent archival science valorization in the labor market and the academy were also analyzed. For that, a bibliographic review was carried out on photographs preservation policies, a historical study of photography and its composition, an analysis of the conservation and photography disciplines offered by the sixteen bachelor's courses in archival science in Brazil, and a survey with the National Executive of the archival science Students on the infrastructure of the archival science courses in Brazil for practical training in archival conservation.

**Keywords:** Archivist qualification; Photographic archives; Preservation policy; Preventive conservation; Archival Science

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. A FOTOGRAFIA</b>	
2.1. História .....	15
2.2. Estruturas constituintes da fotografia .....	16
2.3. Técnicas fotográficas .....	17
<b>3. PRESERVAÇÃO DE ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS</b>	
3.1. Ameaças .....	20
3.2. Medidas Preventivas .....	22
<b>4. O ARQUIVISTA</b>	
4.1 Atuação .....	24
4.2 Formação .....	24
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>7. APÊNDICE</b> .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

A partir da observação do ensino de conservação preventiva e de disciplinas destinadas ao tratamento de fotografias em universidades brasileiras, e ainda, experiências vivenciadas em projetos e visitas técnicas em diversas instituições públicas e privadas, surgiu o problema que motivou este estudo: como se dá a conservação de arquivos fotográficos no Brasil tendo em vista a formação dos arquivistas brasileiros?

A fotografia pode registrar uma ação, objeto(s) ou pessoa(s), em um espaço de tempo determinado. Conter evidências históricas ou provas de um crime. E, apesar de a fotografia ter sido questionada como documento arquivístico por muito tempo devido às suas características de produção serem tão próximas aos itens de coleção, quando encaixadas em seu contexto, são ricas fontes de informação, muitas vezes mais completas do que um documento textual (MANINI, 2010).

Para VIERA e MARIZ (2015), a fotografia é um documento especial porque seu suporte exige condições especiais de preservação, sendo, em muitos casos, desmembrada fisicamente do conjunto ao qual pertencem para atender às suas necessidades especiais de conservação. E, apesar de a terminologia estar em discussão, fato é que o tratamento destes documentos exige que o arquivista esteja apto para avaliar o risco desta separação sem perder o vínculo orgânico do acervo.

Kossoy (2001) afirma que a fotografia é constituída por três integrantes, o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Estes três integrantes são fontes de informação que contextualizam a produção da fotografia e a perda de informação advinda de qualquer um destes três elementos pode modificar o valor de guarda da fotografia. Na Arquivologia, há muito interesse no conteúdo e no produtor. Mas tratando-se de fotografia, o suporte carrega em si muita informação e deve, portanto, ser preservado.

Várias são as fontes de deterioração dos diversos componentes dos objetos fotográficos. Temperatura, umidade, luz, poluentes e pragas são exemplos de agentes nocivos à fotografia (MOSCIARO, 2010). Mas não são os únicos. O próprio processo de revelação tradicional de fotografias pode, se mal desempenhado, desencadear reações de deterioração do suporte e, conseqüentemente, perda da informação.

Esse questionamento surge a partir da compreensão da relevância dos arquivos fotográficos no patrimônio histórico nacional e da necessidade de sua preservação através do desenvolvimento de uma adequada implantação e gestão de políticas de conservação, e da prerrogativa que o arquivista deve possuir conhecimento técnico específico acerca da natureza do que irá tratar e como fazer, para ser capaz de desenvolver esta atividade.

O objetivo do estudo é levantar as especificidades dos arquivos fotográficos e verificar se os cursos de arquivologia do Brasil estão preparando profissionais aptos a identificá-las e implantar políticas de preservação de arquivos fotográficos. Observando as grades curriculares dos cursos de graduação em Arquivologia do Brasil e a infraestrutura por eles oferecidas.

Este estudo justifica-se a partir da função básica do arquivista que é tornar disponíveis as informações contidas no acervo documental sob sua guarda. A museóloga e conservadora Ingrid Beck (2006) defende que a preservação só faz sentido se vinculada ao acesso e, por isso, a necessidade de organização e custódia responsáveis. Entretanto, o acesso exige manuseio dos documentos que, a longo prazo, danifica o suporte e põe em risco a informação nele contida.

De natureza aplicada, este trabalho pretende gerar conhecimento para a aplicação prática na solução dos problemas observados que motivaram a pesquisa. Foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica sobre as técnicas fotográficas, a composição de objetos fotográficos, as formas de deterioração e de preservação. Foi feita também uma pesquisa empírica com o objetivo de averiguar como os cursos de bacharel em Arquivologia estão formando os profissionais para lidar com a conservação dos arquivos fotográficos. Para isso foi utilizado um questionário que foi respondido por um representante de cada um dos cursos de Arquivologia no país sobre o ensino de preservação de acervos.

## **2. A FOTOGRAFIA**

### **2.1. História**

A história da fotografia começa por volta de 350 a.C, a partir de experimentos executadas por químicos e alquimistas, que observaram o fenômeno da produção de imagens pela passagem de luz através de um pequeno orifício. Por volta do século X, o físico e matemático Alhazen relatou um método de observação dos eclipses solares através da utilização da já falada câmara escura. Em 1525, o escurecimento de alguns sais de prata sob a luz do sol já era fato observado e compreendido por químicos. Entretanto, a interrupção deste processo só foi descoberta 200 anos depois. E mais 100 anos foram necessários até Joseph Nicéphore Niépce registrar uma imagem em suporte de forma permanente, a heliografia (GARCIA, 2012).

Em 1835, Daguerre teve a ideia de levar a fotografia para mais pessoas e, para isso, iniciou estudos sobre os métodos de Niépce para que qualquer pessoa, independente do seu nível intelectual, pudesse utilizar os mecanismos de uma fotografia. Surgiu assim o daguerreótipo, primeiro equipamento fotográfico a ser comercializado em escala.

Em 1841, William Henry Talbot inovou inventando um meio de obter cópias da fotografia através dos calótipos, negativos que produzem positivos em um segundo suporte. E, em 1848, esta forma de revelação foi otimizada com o processo de colódio úmido, que é um composto de éter e álcool em uma solução de nitrato e celulose. Esta invenção de Frederick Scott Archer permitiu que a fotografia pudesse ser revelada logo após a captura da imagem.

Em 1880, George Eastman abriu sua companhia de criação de chapas secas, que permitia maior durabilidade dos negativos e em 1888, funda a Kodak e lança câmera fotográfica acompanhada de um rolo de 20mts que permitia a captura de até cem imagens de 2,5 polegadas. Com o tempo, as câmeras fotográficas da Kodak foram diminuindo de tamanho, se tornando mais portáteis, popularizando assim a fotografia. Em 1861, James Clerk Maxwell já havia conseguido reproduzir em laboratório a primeira fotografia colorida, mas somente em 1935, foi possível obtê-la em câmeras portáteis.

Apesar de acessível a uma grande parcela da população, a produção de fotografia ainda era um processo lento e custoso. Com o crescimento da indústria cinematográfica aumentaram os investimentos em pesquisa. E, em 1975, Steve Sasson, desenvolveu a primeira câmera digital. Ela captava imagens em preto e branco e levava quase 30 segundos para completar o procedimento. Duas décadas depois, a Kodak aprimorou a tecnologia e as câmeras digitais tornaram-se populares devido ao baixo custo para visualização de imagens.

Desde então, o processo de captação de imagens evoluiu e se diversificou muito. Hoje em dia, a fotografia pode ser obtida de diversos dispositivos de forma prática, rápida e barata, o que provocou um aumento exponencial em sua produção. Apesar de o formato analógico da fotografia ser cada vez menos adotado, ele ainda está presente na quase totalidade dos acervos brasileiros. E por ter natureza mais sensível que a maioria dos documentos em papel, o conhecimento adequado a respeito de sua preservação torna-se um elemento muito importante na administração de qualquer arquivo fotográfico.

## 2.2. Estruturas constituintes do objeto fotográfico

MOSCIARO (2001) nos lembra que é impossível tratar aquilo que não se conhece. É preciso reconhecer, ainda que com alguma margem de dúvida, os materiais que compõem os itens do acervo. Destaca também o amplo sentido da palavra fotografia e a infinidade de objetos a que ela pode remeter. Os elementos essenciais presentes em uma fotografia são o suporte e a substância formadora da imagem. Mas podemos encontrar outras estruturas dependendo da técnica de produção de fotografia e da época ou região global que foi produzida.

Figura 1 - *Estrutura básica da fotografia de 3 camadas*





O suporte é a estrutura que dá consistência ao objeto fotográfico e pode ser qualquer superfície compatível com substâncias sensíveis à luz. Os mais comuns encontrados em acervos são o papel, vidro, plásticos e metais. Entretanto, alguns artistas contemporâneos já obtiveram imagens sobre casca de ovo, marmitas, pele/couro animal, sendo imprevisível os desafios de preservação que o arquivista pode encontrar.

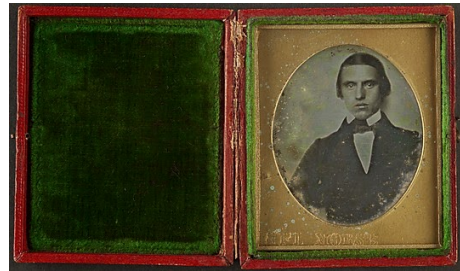
A substância formadora de imagem é responsável pelos tons, claros e escuros, e as cores com que é composta a imagem. Pode ser composta por metais, pigmentos ou corantes aplicados diretamente sobre o suporte ou dispersa no Ligante. Que, por sua vez, pode existir ou não. O ligante é um material transparente que aglutina e mantém os elementos formadores de imagem aderidos ao suporte. Pode ser de gelatina, albumina ou colódio.

Em algumas fotografias podemos encontrar também uma camada acessória e protetora, que serve para tornar o suporte mais branco e uniforme, além de isolá-lo da imagem. Podem ser utilizados para este fim o sulfato de bário (barita), o dióxido de titânio, a gelatina e o polietileno.

### **2.3. Técnicas fotográficas**

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, a fotografia é uma imagem produzida pela ação da luz sobre película coberta por emulsão fotossensível, revelada e fixada por meio de reagentes químicos. E, como a própria terminologia diz, a fotografia é resultado de ações químicas e físicas que irão determinar suas características. A compreensão delas, permite que o arquivista possa prever o comportamento da fotografia e tomar decisões mais assertivas. Conhecer as técnicas fotográficas existentes auxilia no correto diagnóstico sobre o estado de conservação delas. Teixeira (2012) as elencou:

- **Daguerreótipo (1839 – 1865):** o suporte era composto por cobre, com camada fina de prata polida, formando uma imagem bem definida, revelada com vapores de mercúrio. Como produzia uma única cópia, só tinha positivo, geralmente é encontrada emoldurada em estojo protegida com vidro, lacrada para não ter imperfeições e não oxidar.

Figura 2 - *Daguerreótipo (equipamento)*Figura 3 - *Daguerreótipo (positivo em estojo)*

- Calótipo ou Talbótipo (1841 – 1855): neste processo fotográfico o papel salgado era usado para produzir o negativo e, a partir deste, copiado por contato em outro papel salgado, criando assim a imagem positiva, possibilitando gerar várias cópias.
- Ambrótipo (1854 – 1870): este processo fotográfico empregava negativos de vidro de colódio e a imagem tornava-se positiva ao se colocar um fundo negro por trás da placa de vidro, preta. Sendo melhor para a conservação guardá-la em um estojo emoldurado, lacrado, com formatos variados, em conformidade com a fotografia. Nesse caso específico, o que oxida é o verniz e a deterioração origina-se na camada preta.
- Ferrótipo (1856 – 1890): o suporte era uma fina chapa de metal, pintada de preto e envernizada, que gerava uma imagem positiva em colódio e sais de prata de formatos variados.
- Placa de vidro à base de colódio úmido e sais de prata (1850 – 1900): suporte de vidro onde a placa era emulsionada com colódio e sais de prata, quando ainda úmido, era exposta e revelada. Comumente encontrados embrulhados em jornal, causando sujidades, mas esse ato também evitava que um vidro ficasse em contato com o outro, o que poderia causar deterioração.
- Fotografia albuminada (1847 – 1910): processo fotográfico feito com solução à base de albumina, cloreto de sódio e nitrato de prata, colocada sobre um papel muito fino. A partir de negativos em placa de colódio era feito o contato

com este papel albuminado, gerando a imagem positiva. Sendo o suporte muito fino, era aderido em suporte mais espesso, com diferentes formatos e denominações.

- Estereoscopia: imagem observada pelo visor estereoscópio, onde duas imagens eram coladas lado a lado, dando uma ilusão tridimensional popularmente denominada “cineminha”, utilizando imagens sobre a natureza e arquitetura.
- Negativo de chapa e vidro em gelatina (1871 até hoje): essa técnica substituiu a do negativo de placa de vidro em colódio úmido, consolidando-se como técnica aperfeiçoada até a atualidade. Para a fotografia um passo importante, pois a gelatina transforma o veículo de sustentação dos cristais de prata utilizados em papéis fotográficos e em filmes flexíveis.

Além das técnicas já mencionadas, nos acervos podem ser encontrados outros suportes com emulsões de gelatina; filmes em nitrato de celulose, embutirato, propianato, diacetato e triacetato de celulose; transparência positiva em gelatina, polaroide; papel fibra de gelatina e prata com revelação química; papel resinado de gelatina e prata com revelação química; filmes negativos e positivos coloridos com revelação cromogênica, branqueamento de corantes e difusão de corantes; fotografia colorida em papel com revelação química; etc. (TEIXEIRA, 2012). Sendo, portanto, vasto o conhecimento que o arquivista precisa ter para tratar acervos fotográficos. Pois, cada uma destas técnicas, exigem cuidados específicos para suas particularidades, e estes cuidados podem variar de região para região do Brasil devido às diferentes condições ambientais e disponibilidade de recursos.

### 3. PRESERVAÇÃO DE ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS

#### 3.1. AMEAÇAS

Sujidades, fungos, insetos, roedores, delaminação, perda de suporte, perda de emulsão, fraturas, ondulação, amassamento, adesivo ou resíduo de adesivos, abrasão, craquelamento, inscrições e carimbos sobre a imagem e verso das fotografias ..., várias são as ameaças sofridas pelos arquivos fotográficos seja pela ação do homem ou pela falta de ação dele.

Além disso, a luz, a umidade e o calor são catalisadores das principais reações químicas, ou seja, diminuem a energia de ativação necessária para o desencadeamento e aumentam a velocidade da reação (FELTRE, 2005). E, sendo o Brasil um país tropical, este trio é uma grande ameaça aos acervos fotográficos brasileiros. Considerando que os principais poluentes do ar no Brasil são oxidantes fotoquímicos de alto potencial Redox, ou seja, retiram elétrons das substâncias que atacam, reduzindo-as (BROWN, 2005). Este desgaste na integridade do suporte, além de comprometer o conteúdo informacional da área deteriorada, abre uma janela facilitadora à entrada e propagação de agentes biológicos.

Tabela 1 *Poluentes atmosféricos usualmente considerados no monitoramento da qualidade do ar*

POLUENTE	SIGLA
Monóxido de carbono *	CO
Fumaça *	FMC
Partículas totais em suspensão *	PTS
Material particulado inalável inferior a 10 micrômetros *	MP <sub>10</sub>
Material particulado inalável inferior a 2,5 micrômetros	MP <sub>2,5</sub>
Dióxido de enxofre *	SO <sub>2</sub>
Ozônio troposférico *	O <sub>3</sub>
Enxofre reduzido total	ERT
Hidrocarbonetos não metânicos, metano ou hidrocarbonetos totais	HC
Gás sulfídrico	H <sub>2</sub> S
Chumbo	Pb
Benzeno, tolueno, etilbenzeno, meta, para e orto-xileno	BTEX
Amônia	NH <sub>3</sub>
Dióxido de Nitrogênio *	NO <sub>2</sub>

\*Poluentes com padrões de qualidade do ar pela Resolução CONAMA 03/1990

Para evitar a deterioração de fotografias, é coerente que as medidas preventivas se adaptem à climatologia local visando economia de recursos e o sucesso na preservação da fotografia. Levando em consideração que os materiais necessários à conservação preventiva, restauração, condicionamento adequado e climatização de acervos são muito caros e raramente as instituições têm condições e/ou vontade política para atender às demandas do arquivo, o estudo prévio das características físico-químicas do acervo e do ambiente é imprescindível para que o arquivista possa construir de forma consciente, econômica e sustentável sua política de preservação.

Para MOSCIARO (2001), o conhecimento da deterioração dos objetos fotográficos é importante pois auxilia no reconhecimento dos materiais estão sendo observados, fornece dados que permitem levantar hipóteses sobre as condições anteriores de guarda e acondicionamento e seus reflexos no atual estado de conservação e indica que procedimentos serão adotados após a conclusão do diagnóstico. Afirma ainda que as causas de deterioração podem ser divididas em duas categorias: intrínsecas, causadas pela própria constituição dos materiais componentes da fotografia e as extrínsecas, decorrentes do manuseio e guarda indevidos.

Quando falamos em deterioração intrínseca, conhecer o processo de revelação da fotografia, por exemplo, se faz essencial. O processo tradicional de revelação (banhos) de fotografias se divide em cinco etapas químicas. A revelação, um processo alcalino; a interrupção, um processo ácido que interrompe a revelação e evita que a fotografia escureça por completo; a fixação, que retira os cristais de prata da emulsão através de um fixador evitando manchas; a lavagem, que retira o fixador da emulsão, evitando a corrosão; e a secagem, que precisa ter seu tempo respeitado para garantir a não proliferação de fungos. E cada etapa do processo, se mal executado, deixa na fotografia um diferente potencial de deterioração que irá exigir uma medida específica de estabilização.

Não podemos portanto, achar que o papel alcalino é a solução de todos os problemas. Acondicionar uma fotografia com pH alto num invólucro alcalino, por exemplo, aceleraria seu processo de deterioração. Não podemos utilizar um mesmo tipo de invólucro para todas as fotografias ou em qualquer condição ambiental. O acondicionamento pode, e deve, ser paliativo para cada situação. Num grupo de

fotografias revelados num mesmo momento, podemos ter fotografias com suportes ácidos e alcalinos. O arquivista precisa ser capaz de identificar isso para tomar medidas assertivas quanto à política de preservação a ser aplicada.

### **3.2. Medidas preventivas**

A preservação não deve ser encarada como a perpetuação do bem cultural, mas sim como uma forma de retardar seu inevitável processo de deterioração (MAST, 1995). A durabilidade do material sob custódia do arquivista moderno é assunto de maior interesse. Pois não é possível dar acesso à informação sem manter a integridade física do documento (SCHELLENBERG, 1974).

O pressuposto de que a preservação é componente indissociável do fazer e do pensar arquivístico deriva da ideia de que somente é possível classificar, avaliar, organizar, descrever, recuperar, disseminar e dar acesso à informação arquivística que esteja registrada e preservada em algum suporte material (SILVA, 2008, p.76).

Com exceção dos daguerreótipos, os materiais fotográficos contemporâneos possuem sempre, em sua estrutura, substâncias higroscópicas de natureza orgânica (BURGI, 1988). Sendo assim, é preciso ter muita cautela com o meio ambiente onde as fotografias serão mantidas devido à sua composição propiciar fácil infestação de pragas e microorganismos.

Teixeira (2012) recomenda para os acervos fotográficos a reprodução dos originais como medidas de preservação, reduzindo assim o manuseio dos mesmos. Só utilizar lápis 6B caso seja estritamente necessário algum tipo de registro, sempre no verso da imagem. Não usar cliques, grampos, colas, fitas adesivas, etiquetas em nenhum dos lados da fotografia. Apoiar a fotografia na palma da mão, segurando pelas bordas, de preferência com luvas de algodão.

Cada fotografia deve ter uma proteção individual, sendo que o material de proteção da margem deve ser de papel alcalino ou neutro ou em plástico de alta qualidade. Os negativos e diapositivos também devem ser acondicionados em invólucros individuais fabricados com materiais especiais. Os filmes a base de nitrato de celulose devem ser acondicionados separadamente por sofrerem combustão espontânea, sendo que os gases gerados no processo de decomposição do nitrato de celulose são nocivas às demais fotografias.

O cheiro característico de ácido acético (similar ao odor de vinagre) é a indicação de que o processo de degradação está presente, sendo necessária a duplicação imediata e medidas que não coloquem o restante do acervo em risco. Já o mobiliário para armazenagem de fotografias deve ser de metal com pintura polimerizada.

Para Pavão (2004), as formas de deterioração que ocorrem em fotografias são, em geral, irreversíveis. Mas podem ser estabilizadas. Ele defende que os materiais, ao serem reparados, devem deixar visíveis as marcas desta ação, pois, geralmente, ao resolver um problema criamos outro. A colagem, por exemplo, pode gerar ondulações, oxidação da prata, aumentar o peso, etc. E as marcas alertam, no futuro, quando não mais formos responsáveis pelo acervo em questão, dos cuidados extras necessários gerados pela intervenção.

A Resolução nº 31, de 28 de abril de 2010, do CONARQ, que dispõe sobre adoção das recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes, é uma importante arma para a preservação dos arquivos fotográficos, pois diminui o manuseio dos originais. Atendidas às exigências, o usuário pode acessar o conteúdo desejado através de uma cópia fiel do original que, se devidamente preservado, terá vida útil mais longa que se estivesse exposto à contínua consulta.

## **4. O ARQUIVISTA**

### **4.1 Atuação**

O arquivista atua na guarda, conservação, organização, controle e administração de arquivos. Portanto, é o profissional habilitado a pensar em uma política de preservação que leve em conta a seleção de prioridades, como o meio pelo qual a preservação e o acesso à informação se deem de forma mais racional e efetiva (HOLLÓS, 2006).

Apesar de ser uma das responsabilidades dos arquivistas, e objeto de pesquisa na Arquivologia, ainda são poucos os autores arquivistas na área de preservação de arquivos. Normalmente, os estudos associam a preservação da informação arquivística à gestão de documentos, à eficácia administrativa ou ao acesso e uso social das informações (SILVA, 2008).

A Lei nº 6.546, de 04 de julho de 1978, que regulamenta a profissão, determina que são de responsabilidade do Arquivista: o planejamento, implantação, organização e direção dos arquivos e sistemas arquivísticos; a gestão de documentos, o acompanhamento do processo documental e informativo; a identificação das espécies documentais; o planejamento de novos documentos e o controle de multicópias; além do arranjo, descrição, avaliação, conservação e restauração de documentos.

O arquivista é responsável pelos documentos arquivísticos em todas as etapas de sua 'vida'. Para tanto, se aprofunda no estudo da história e das atividades da pessoa ou instituição produtora do arquivo que gerencia. Conseqüentemente, é o profissional mais indicado para elaborar soluções adequadas à realidade daquele acervo. Delegar suas atividades a profissionais de outras áreas de formação, além de colocar a integridade e autenticidade do acervo em risco, colabora com a desvalorização do profissional arquivista.

### **4.2 Formação**

Observando as grades curriculares dos cursos de graduação em Arquivologia do Brasil e a infraestrutura por elas oferecidas, observamos que a conservação preventiva e os arquivos fotográficos, representam uma ainda tímida parcela na formação dos arquivistas brasileiros. Muitos estudantes concluem o curso sem

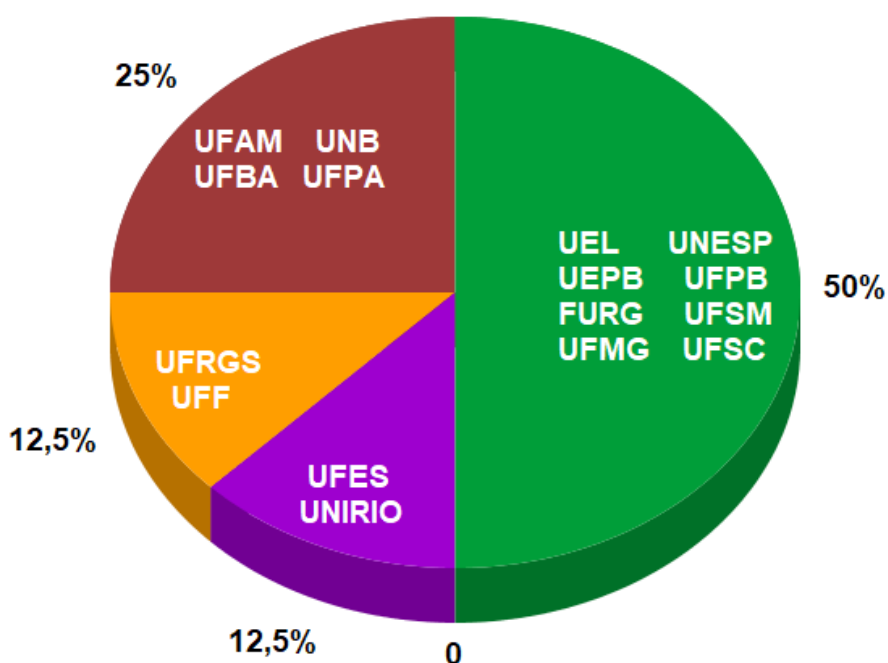


nunca ter sido orientado a respeito das especificidades dos objetos fotográficos, sem passar por um laboratório prático de conservação ou, ainda, sem receber o mínimo conhecimento teórico a respeito do material que compõe os documentos que futuramente terão a responsabilidade de preservar.

Foi realizado um levantamento sobre as condições de formação dos estudantes de Arquivologia do Brasil. Um representante de cada diretório ou centro acadêmico de cada um dos dezesseis cursos de graduação presencial de Arquivologia ativos no Brasil (FURG, UEL, UEPB, UFAM, UFBA, UFES, UFF, UFMG, UFPA, UFPB, UFRGS, UFSC, UFSM, UNB, UNESP, UNIRIO) respondeu à pergunta múltipla escolha: “Seu curso possui laboratório de conservação de papel?”.

Gráfico 1: Levantamento sobre a infraestrutura dos cursos de Arquivologia da Brasileira

### Seu curso possui laboratório de conservação de papel?



- a- SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele),
- b- SIM. Mas não está ativo (não temos aula prática de conservação de papel),
- c- NÃO. Mas temos aula prática de conservação de papel em outro local,
- d- NÃO. E não temos aula prática de conservação de papel,
- e- Não temos aula prática e NEM TEÓRICA de conservação/preservação de papel

Oito cursos (FURG, UEL, UEPB, UFMG, UFPB, UFSC, UFSM e UNESP) responderam que possuem laboratório de conservação de papel e ele está ativo;

Dois cursos (UNIRIO e UFES) responderam que possuem laboratório de conservação de papel mas ele não está ativo; Dois cursos (UFF e UFRGS) responderam que não possuem laboratório ativo de conservação de papel mas têm aulas práticas em outro local; Quatro cursos (UFAM, UFBA, UFPA e UNB) responderam que não possuem laboratório de conservação de papel e não recebem aulas práticas de conservação; e nenhum curso respondeu não ter aula prática e nem teórica.

Observou-se que apenas metade dos cursos possui laboratório próprio destinado à conservação de documentos e quase 40% dos cursos formam arquivistas sem oferecer aulas práticas de conservação. Formando, assim, profissionais despreparados para acondicionar documentos adequadamente, identificar danos, realizar diagnósticos, estabilizar acervos, prevenir catástrofes. E, principalmente, profissionais incapazes de planejar e implementar políticas de preservação viáveis ou planos de resposta a emergenciais causadas por sinistros.

Considerando as condições dos arquivos brasileiros, quase sempre, sem recursos humanos e materiais, somente uma boa formação poderá preparar o arquivista para encontrar soluções criativas à realidade lá fora. Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), por exemplo, menos de 4% das disciplinas previstas no Projeto Pedagógico do Curso são voltadas à conservação ou à fotografia. Sendo que uma delas, Restauração de documentos, não é ofertada há mais de três anos por falta de professor qualificado.

Ao analisar as disciplinas previstas pelos projetos pedagógicos dos cursos de Arquivologia do Brasil, que não necessariamente são oferecidas ou cursadas ao longo da formação do estudante por inúmeras razões, fica evidente o despreparo do egresso com relação à conservação de fotografias. E esta realidade foi observada em todos os cursos. Em muitos, não há nem previsão de disciplina voltada ao tratamento de documentos especiais como a fotografia.

Tabela 2- Porcentagem da carga horária dos cursos de arquivologia destinada à conservação e à fotografia

<b>Carga horária dos cursos de Arquivologia do Brasil dedicadas à Conservação ou Fotografia</b>					
<b>Curso</b>	<b>Versão</b>	<b>disciplinas voltadas ao tratamento de conservação</b>	<b>Carga horária destinadas à conservação/ horas totais do curso</b>	<b>disciplinas voltadas ao tratamento de Fotografia</b>	<b>Carga horária destinadas à fotografia/ horas totais do curso</b>
<b>UFSM</b>	2004	- Conservação preventiva de arquivos - Restauração de documentos - <b>Preservação digital</b>	90/2550 (3,5%)	- Documentação audiovisual - Documentos audiovisuais - Pesquisa sobre fotografia	150/2550 (5,9%)
<b>UNB</b>	2006	- Conservação e restauração de documentos	60/2400 (2,5%)	-	zero
<b>UEPB</b>	2006	- Preservação e conservação de acervos documentais - Políticas de preservação e conservação de acervos documentais	120/2871 (4,2%)	-	zero
<b>UFPB</b>	2008	- Preservação e conservação de unidades de informação - Preservação e Conservação de Acervo	120/2760 (4,3%)	-	zero
<b>UFAM</b>	2009	- Preservação e restauração de documentos	60/2385 (2,5%)	-	zero
<b>UFBA</b>	2010	- Preservação de acervos	68/2445 (2,8%)	- Representação e recuperação de imagens - Organização e preservação de acervos fotográficos	102/2445 (4,2%)
<b>UEL</b>	2010	-Preservação e restauração de documentos	90/2856 (3,1%)	-	zero
<b>UNIRIO</b>	2012	-Conservação Preventiva de Documentos -Acondicionamento de	120/2400 (5%)	- Documentação Audiovisual e Digital	60/2400 (2,5 %)

		Acervos -Restauração de Documentos			
<b>UFF</b>	2012	-preservação e conservação de acervos documentais	60/2660 (2,2%)	-	zero
<b>UNESP</b>	2012	preservação em arquivos	60/2850 (2,1%)	- Documentação audiovisual e iconográfica	60/2850 (2,1%)
<b>UFPA</b>	2014	Preservação e Conservação de Documentos Restauração de Documentos	120/2790 (4,3%)	-	zero
<b>UFMG</b>	2015	- Preservação de acervos - Tópicos em preservação e conservação A - Tópicos em preservação e conservação B - Tópicos em preservação e conservação C - Tópicos em preservação e conservação D	210/2400 (8,7%)	- Descrição e organização de documentos especiais	60/2400 (2,5%)
<b>UFSC</b>	2017	- Preservação e conservação de documentos - Preservação digital	36/2880 (1,25%)	-	zero
<b>FURG</b>	2017	- Fundamentos de conservação e preservação de documentos - Preservação digital	60/2445 (2,4%)	- Acervos Fotográficos Digitais - Arquivos especiais	60/2445 (2,4%)
<b>UFRGS</b>	2017	- Fundamentos da preservação de documentos	60/2550 (2,3%)	- Introdução à fotografia	60/2550 (2,3%)
<b>UFES</b>	2017	- Preservação e conservação de documentos I - Preservação e conservação de documentos II	180/2400 (5%)	- Acervos fotográficos em arquivos	60/2400 (2,5%)

A preservação digital, apesar de não ser objeto da minha investigação, está destacada em azul na tabela pois considerei relevante observar que há o entendimento, por parte dos respectivos projetos curriculares de curso, que a preservação, ainda que digital é função arquivística.

Por meio da análise da tabela, pude observar que a UFMG é a universidade que possui o curso com maior porcentagem de carga horária voltada à conservação, enquanto a UFSC é a que possui a menor porcentagem, como demonstrado no gráfico da figura 5. Analogamente, a UFSM se destacou como a universidade que dedica maior porcentagem de sua carga horária ao estudo da fotografia, enquanto as universidades não possuem nenhuma disciplina específica, como demonstrado no gráfico da figura 6.

Figura 5 - Gráfico porcentagem da carga horária dos cursos de Arquivologia do Brasil dedicadas à Conservação

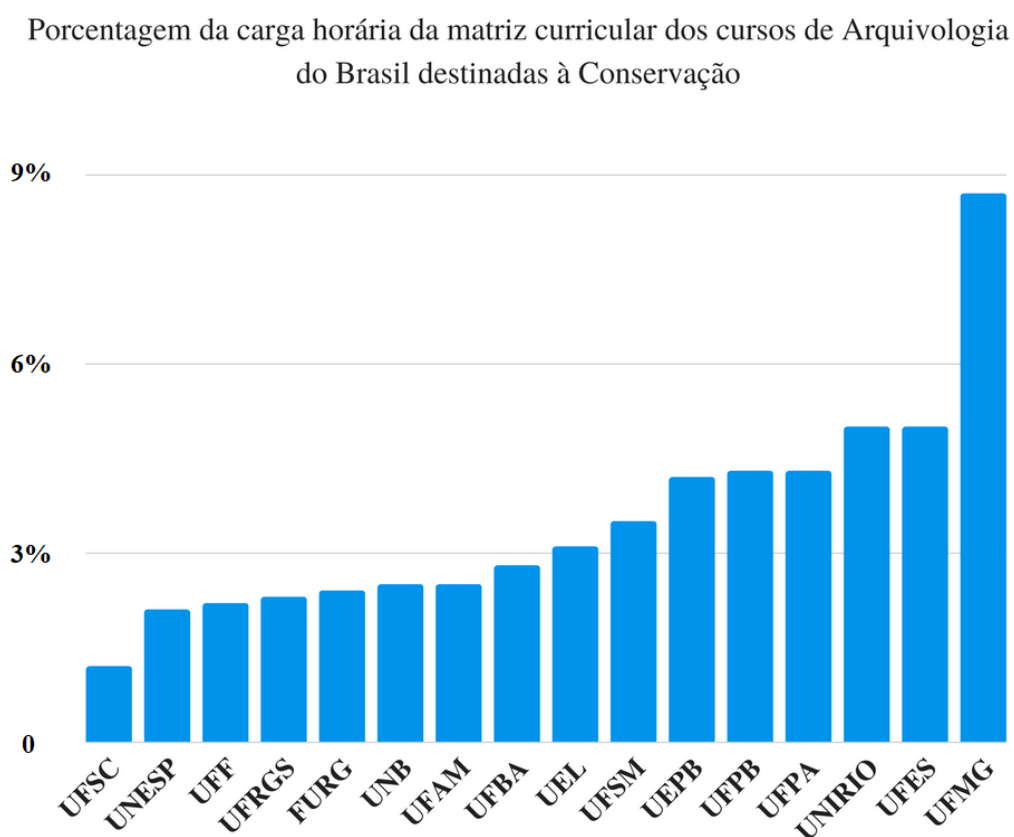
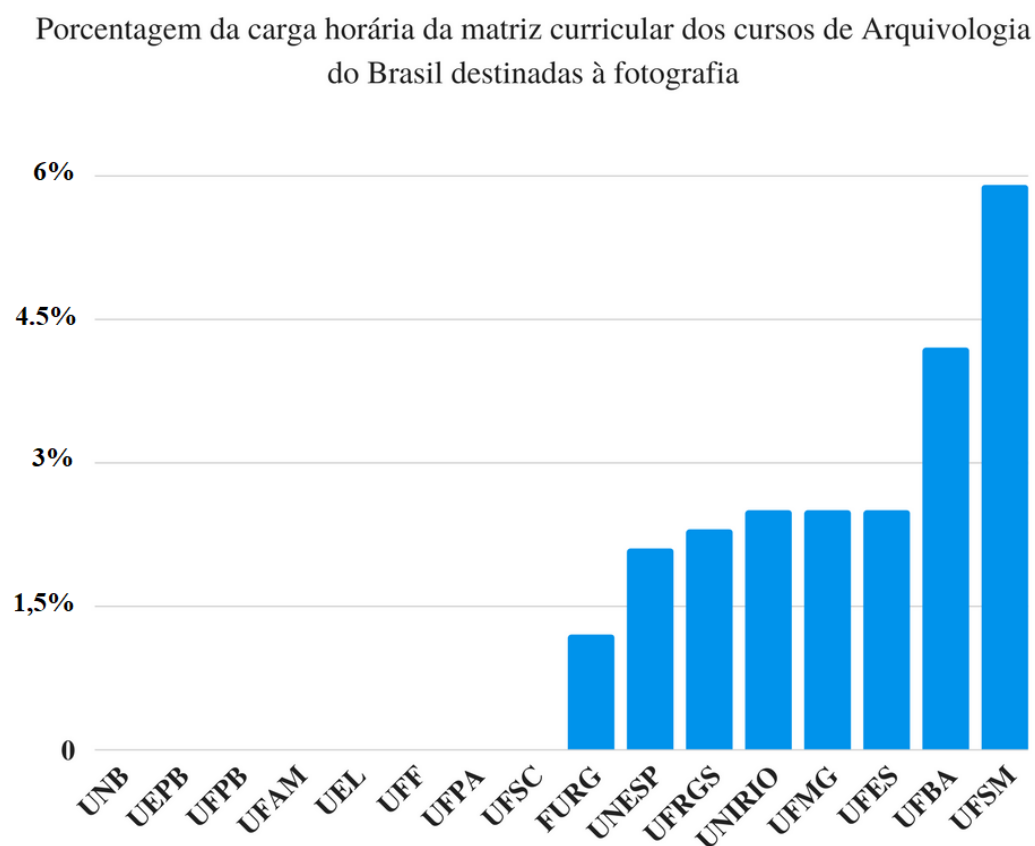


Figura 6 - *Porcentagem da carga horária dos cursos de Arquivologia do Brasil dedicadas à Fotografia*



Este cenário reflete-se no mercado de trabalho dificultando o exercício da profissão do Arquivista, que não consegue passar para a gestão institucional a importância de se ter uma política de preservação que evite futuros prejuízos econômicos devido a ações legais ou projetos de restauração, dependendo da natureza da instituição.

SILVA (2008) observou que são raros os profissionais oriundos da Arquivologia que atuam no setor de preservação dos arquivos. E estimou que a maioria desses profissionais seja formada em outras áreas do conhecimento, como Museologia, História, Belas Artes, Biblioteconomia, Química etc.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao seu caráter popular, a fotografia está presente em quase todos os acervos públicos e privados do Brasil. E contém informações valiosas que contam a nossa história através de evidências e provas, caracterizando a importância da preservação e de seu estudo na formação do arquivista.

A fotografia é muito diversificada em origem, composição, formato, suporte e aplicações em relação aos demais documentos. Assim como sua tecnologia de produção, que continua evoluindo e aumentando o conhecimento técnico necessário para tratá-las. Pois cada composição e técnica de produção possuem especificidades que demandam cuidados específicos a cada uma delas.

Os cuidados especiais que a fotografia exige devem ser adotados de acordo com sua natureza. O arquivista deve ser capaz de identificá-la para definir adequadamente o acondicionamento, o mobiliário, a reprodução consciente, os ajustes ambientais que devem ser feitos e, principalmente, convencer a instituição da necessidade de investir em preservação.

O conhecimento técnico acerca da composição do material a ser tratado, e suas características, contribui para que o arquivista tome decisões mais assertivas na definição e planejamento de projetos que atendam o programa definido pela política de preservação institucional. E fornecer este conhecimento ainda na graduação, torna o arquivista um profissional mais completo e competitivo no mercado de trabalho.

É importante incentivar que as universidades façam investimentos em infraestrutura para os cursos de Arquivologia no que diz respeito a laboratórios, bem como incluir essas disciplinas nas matrizes curriculares e incentivem o incremento da produção acadêmica sobre conservação preventiva dentro da área. Pois observou-se que a Preservação e o estudo da fotografia representam uma tímida parcela na formação dos arquivistas brasileiros. Muitos concluem o curso sem nunca ter passado por um laboratório prático de conservação ou ter tido contato com o material que compõe os documentos que futuramente terão a responsabilidade de preservar.

O arquivista tem papel fundamental na implantação de políticas de preservação. O conhecimento técnico acerca da composição do material a ser

tratado e suas características contribui para que o arquivista tome decisões mais assertivas na definição e planejamento de projetos que atendam o programa definido pela política de preservação institucional.

Por isso, se faz necessário investir em conservação preventiva e criar meios que permitam que a informação seja acessada, protegendo o documento da ação do tempo e do homem. Somente conhecendo a composição e comportamento físico-químico de fotografias e negativos, o arquivista será capaz de criar e implementar políticas de conservação preventiva que atendam às particularidades do acervo de acordo com a natureza dos suportes nele presentes e das condições ambientais a que estão sujeito e, principalmente, de acordo com os recursos que dispõe. O acesso deve, portanto, ser pensado desde a implantação de política de preservação do acervo.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Lucia de. **Acondicionamento e Guarda de Acervos Fotográficos**. Rio de Janeiro. Ministério da Cultura/Fundação Biblioteca Nacional, 1999.

ARQUIVO NACIONAL. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional - Fotografias. Vol. 6, no. 1-2, jan./dez. 1993.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro, 2005.

BARUKI, Sandra; COURRY, Nazareth. **Treinamento em conservação fotográfica: a orientação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte**. 3 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2004

BECK, I. **O ensino da preservação documental nos cursos de Arquivologia e biblioteconomia: perspectivas para formar um novo profissional**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Convênio UFF/IBICT. Rio de Janeiro, 2006.

BROWN, Theodore L. et al. **Química, A Ciência Central**. 9a ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2005.

BURGI, Sergio. **Introdução à preservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais**. 2.ed. Rio de Janeiro, Infoto/Funarte, 1988.

FELTRE, Ricardo. **Química volume 2**. São Paulo: Moderna, 2005.

FRIZZERA et al. **Manual de Orientação para Preservação de Acervos Fotográficos**. Minas Gerais: Fundação João Pinheiro & UFMG, 1983.

FURG. **Estrutura curricular do Curso de Arquivologia**. Disponível em: <[https://www.furg.br/bin/cursos/tela\\_ql\\_visual.php?cd\\_curso=185\\*682](https://www.furg.br/bin/cursos/tela_ql_visual.php?cd_curso=185*682)>. Acesso em: 20 out. 2017.

GARCIA, Carol. **História da Fotografia**. Viva Rádio, 2012. Disponível em: <<https://vivaradio.wordpress.com/2012/03/17/historia-da-fotografia/>>. Acesso em: 19 Jul. 2017.

HOLLÓS, Adriana Cox. **Entre o passado e o futuro: Os limites e as possibilidades da preservação documental no Arquivo Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MANINI, Mariana Paula. Preservação de documentos especiais. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.**, ISSN 1983-5213, Brasília, v. 9, n. 2, p. 528-563, jul./dez. 2016. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/18633/13708> >. Acesso em: 10 jun. 2017.

MANINI, M. P.; PAIVA, L. F. A fotografia como documento em arquivos brasileiros: os casos do arquivo nacional e do arquivo público do distrito federal. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 11, 2010.

MAYRINK, Rafael. A História Completa Da Fotografia. Fotografia Mais. 2017. Disponível em: <<http://fotografiamais.com.br/historia-completa-da-fotografia/>> . Acesso em 18 nov. 2017

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **1º Diagnóstico de Rede de Monitoramento de Qualidade do Ar no Brasil**. Instituto de Energia e Meio Ambiente. São Paulo, 2014. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80060/Diagnostico\\_Rede\\_de\\_Monitoramento\\_da\\_Qualidade\\_do\\_Ar.pdf](http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80060/Diagnostico_Rede_de_Monitoramento_da_Qualidade_do_Ar.pdf)>. Acesso em: 19 Jul. 2017.

MOSCIARO, Clara. Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas. Caderno técnico nº 6. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS - **Política de Preservação de Acervos Institucionais**. MAST/CNPq. Rio de Janeiro, 1995.

MUSTARDO, Peter e KENNEDY, Nora. Preservação de fotografias: métodos básicos para salvaguardar suas coleções. Coordenação de Ingrid Beck. Rio de Janeiro, **Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos**: Arquivo Nacional, 1997.

OLIVEIRA, João Sócrates de. **Manual prático de preservação fotográfica**. São Paulo, Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1980. (Museu e Técnica, 5).

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

PAVÃO, Luis. **Conservação de Coleções de Fotografia**. 1ª ed. Lisboa: Dinalivro, 1997.

\_\_\_\_\_. Conservação de fotografia – o essencial. In: **Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004, p. 6-12.

SILVA, Sérgio Conde Albite. **A preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil**. Rio de Janeiro: AAB/FAPERJ, 2008.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

TEIXEIRA, Lia Canola. **Conservação preventiva de acervos**. Coleção Estudos Museológicos, v.1. Florianópolis: FCC, 2012.

UEL. **Catálogo de cursos**. Disponível em: <<http://www.uel.br/prograd/catalogo-cursos/catalogo/Cursos/arq.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UEPB. **Currículo do curso de Arquivologia**. Disponível em: <<http://arquivologiauepb.com.br/curriculo/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

UFAM. **Currículo do Curso de Arquivologia**. Disponível em: <<https://ecampus.ufam.edu.br/ecampus/gradesCurriculares/report>>. Acesso em: 20 out. 2017.

UFBA. **Matriz Curricular do Curso de Arquivologia**. Disponível em: <[https://blog.ufba.br/ici/files/2013/01/Matriz\\_Curricular\\_Diurno\\_20101.pdf](https://blog.ufba.br/ici/files/2013/01/Matriz_Curricular_Diurno_20101.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFES. **Grade curricular de Arquivologia**. Disponível em <<http://www.arquivologia.ufes.br/grade-curricular>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFF. **Grade curricular do curso de Arquivologia**. Disponível em: <[http://iacs.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/226/delightful-downloads/2017/10/Arquivologia\\_Grade-2012.pdf](http://iacs.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/226/delightful-downloads/2017/10/Arquivologia_Grade-2012.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFMG. **Configuração curricular de Arquivologia**. 2015. Disponível em: <<http://colgradarquivo.eci.ufmg.br/documentos/configuracao-curricular-arquivologia-n-20151>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFPA. **Projeto PEducatório do Curso de Arquivologia**. Disponível em: <[http://www.icsa.ufpa.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1356&Itemid=257](http://www.icsa.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1356&Itemid=257)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFPB. **Matriz Curricular do curso de Arquivologia**. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/menu/matriz-curricular>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFRGS. **Projeto pedagógico do curso de Arquivologia**. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/documentos-graduacao-e-comgrads/PPCARQUIVOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UFSC. **Currículo do curso de Arquivologia**. Disponível em: <<http://arquivologia.ufsc.br/files/2017/06/Curr%C3%ADculo-do-Curso.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

UFSM. **Currículo do Curso de Arquivologia**. Disponível em <<https://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?curso=732>> acesso em 20 out. 2017.

UNB. **Curso de Arquivologia**. Disponível em <<http://arquivologia.fci.unb.br/>> acesso em: 18 nov. 2017

UNESP. **Estrutura curricular do curso de Arquivologia**. Disponível em <<http://www.marilia.unesp.br/#!/graduacao/cursos/arquivologia/grade-curricular/estrutura-curricular-2012/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

UNIRIO. **Projeto pedagógico do curso de Arquivologia**. 2012. Disponível em <<http://www.unirio.br/prograd/ppc-dos-cursos-de-graduacao/PPARQUIVOLOGIA2013.pdf>>. Acesso em 19 out. 2017.

VIEIRA, Thiago Oliveira; MARIZ, Anna Carla Almeida. A construção da noção de documentos especiais na Arquivologia. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, v. 9, p. 287-302, 2015.

## APÊNDICE I

<b>Questionário fechado aplicado aos membros da ENEA em Jul. 2017</b>		
Carimbo de data/hora	Você representa qual curso de Arquivologia?	Seu curso possui laboratório de Conservação de papel?
18/07/2017 12:26:50	FURG	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 12:19:28	UEL	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 14:14:49	UEPB	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 18:58:31	UFAM	NÃO. E não temos aula prática de conservação de papel
18/07/2017 14:55:38	UFBA	NÃO. E não temos aula prática de conservação de papel
18/07/2017 17:24:24	UFES	SIM. Mas não está ativo (não temos aula prática de conservação de papel)
18/07/2017 13:11:06	UFF	NÃO. Mas temos aula prática de conservação de papel em outro local
18/07/2017 13:43:57	UFMG	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 18:08:21	UFPA	NÃO. E não temos aula prática de conservação de papel
18/07/2017 18:04:19	UFPB	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 22:01:42	UFRGS	NÃO. Mas temos aula prática de conservação de papel em outro local
18/07/2017 17:47:24	UFSC	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 13:23:41	UFSM	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 13:51:44	UNB	NÃO. E não temos aula prática de conservação de papel
18/07/2017 16:12:07	UNESP	SIM. E ele está ativo (temos aulas práticas de conservação de papel nele)
18/07/2017 12:46:57	UNIRIO	SIM. Mas não está ativo (não temos aula prática de conservação de papel)